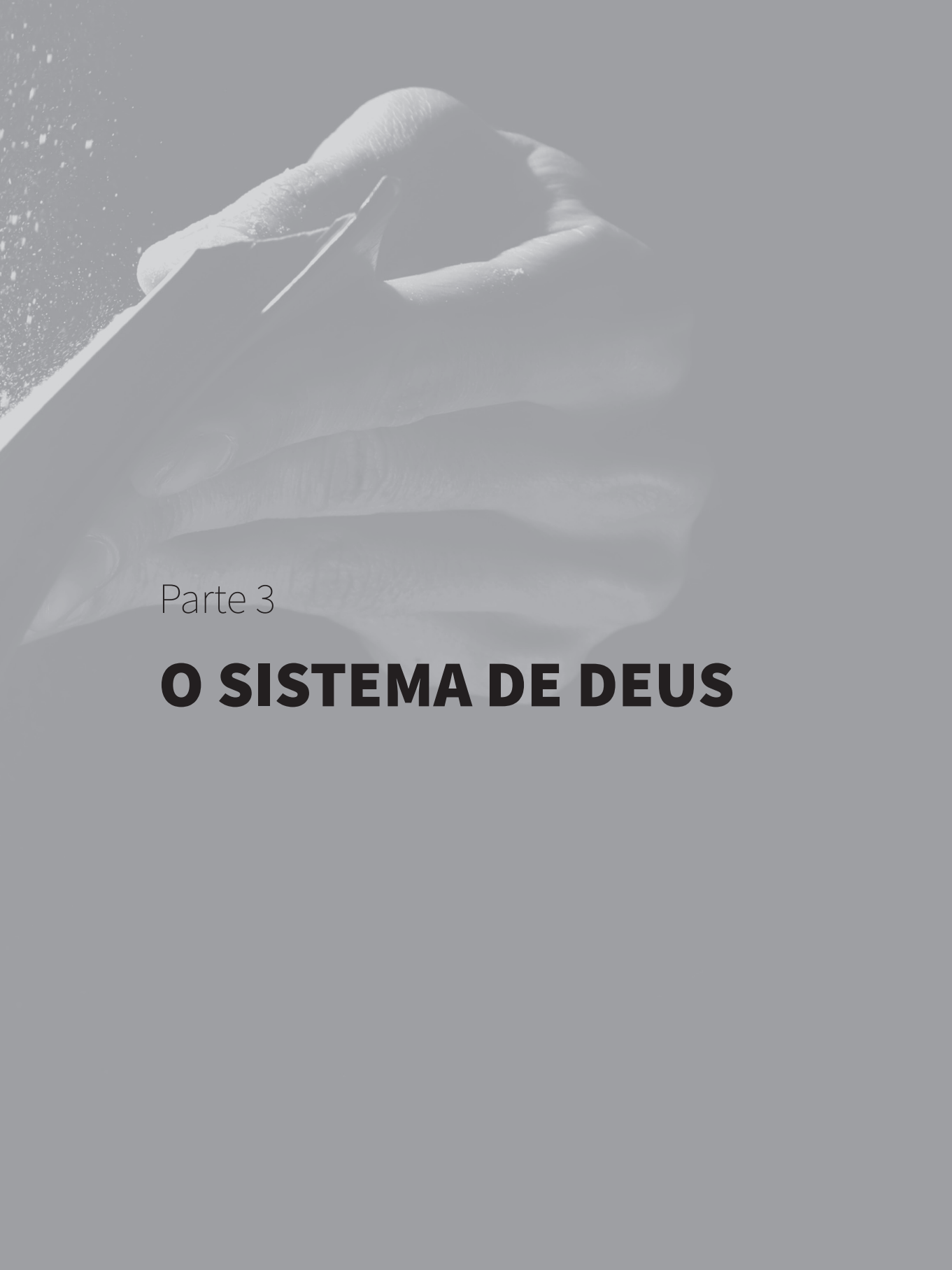


A grayscale image of a hand holding a pen, writing on a piece of paper. The background is a dark, starry space. The text is overlaid on the lower part of the image.

Parte 3

O SISTEMA DE DEUS

Lição 8

AS ESCRITURAS: A REVELAÇÃO ESCRITA DE DEUS

Nas lições anteriores, pudemos aprender muitos fatos sobre a natureza de Deus, a natureza do homem, a origem e a natureza do pecado, os anjos e suas atividades, e o plano de Deus acerca da redenção do homem caído no pecado. Você deve ter observado que a fonte principal de todas essas doutrinas é a Bíblia, as Santas Escrituras. Ela é a revelação escrita de Deus, sobre Si mesmo e sobre a Sua criação.

É razoável crermos que um Deus pessoal, soberano, amoroso e justo, quisesse revelar-se às Suas criaturas morais, através de registro escrito. E admiramo-nos profundamente quando percebemos que Ele resolveu usar homens submissos à Sua vontade para serem os autores humanos das Escrituras Sagradas. É muito inspirador estudar os fatos sobre como os registros escritos por mais de quarenta homens, durante um período de cerca de mil e seiscentos anos, foram divinamente preservados e acham-se reunidos em nossa Bíblia.

Ao começarmos a estudar esta terceira unidade, consideraremos, em primeiro lugar, a revelação do propósito remidor de Deus, conforme registrada nas Escrituras. Em segundo lugar, revisaremos as evidências que nos dão a certeza de que a Bíblia é, realmente, a santa Palavra de Deus. Em seguida, examinaremos a Igreja, a estrutura que Deus usa para chamar a Si mesmo as pessoas perdidas, nutrindo-as na fé e tornando-as testemunhas eficazes. Na última lição deste curso, estudaremos os alvos da redenção, quando estivermos considerando o futuro.

Esboço da Lição

1. A Necessidade de Uma Revelação Escrita
2. A Inspiração das Escrituras
3. A Exclusividade das Escrituras
4. O Cânon das Escrituras
5. A Interpretação das Escrituras
6. A Autoridade das Escrituras

Objetivos da Lição

Ao concluir o estudo desta Lição, você deverá ser capaz de:

1. Identificar as razões pelas quais era necessário que Deus proovesse uma revelação escrita sobre Si mesmo.
2. Dar o significado de “inspiração”, relativo às Escrituras Sagradas, e apresentar evidências bíblicas dessa inspiração.
3. Defender que a Bíblia é a completa e suficiente revelação de Deus e, portanto, nada é preciso nem deve ser-lhe acrescentado.
4. Apresentar resumidamente o histórico da formação do Cânon Sagrado, especificando os critérios para a admissão dos livros que o compõem.
5. Buscar a iluminação do Espírito Santo ao ler a Bíblia, reconhecendo que, sem a Sua ajuda, não compreenderemos devidamente a Palavra de Deus; afirmar que a Bíblia interpreta-se a si mesma.
6. Reconhecer que a autoridade da Bíblia provém do caráter de seu Autor, de quem ela é a inspirada, inerrante e infalível Palavra.

TEXTO 1**A NECESSIDADE DE UMA REVELAÇÃO ESCRITA**

Quase todos nós temos uma memória fraca. Se Deus quisesse revelar-se a mim face a face, em algum ponto específico da minha vida, em breve eu estaria em dúvida quanto a alguns dos detalhes dessa revelação. E com a passagem do tempo, toda lembrança do acontecimento acabaria possivelmente desaparecendo. Talvez eu pudesse relembrar vividamente certas porções dessa revelação; mas estou certo de que os detalhes ficariam confusos e não dignos de confiança. E se eu tivesse de repetir todos os detalhes a um de meus filhos, imediatamente depois de haver recebido a revelação, é muito provável que ele não se lembrasse de tudo, alguns anos depois. E, se ele tivesse de transmitir essa informação a seus filhos, ainda alguns anos mais tarde, a própria passagem do tempo haveria de enfraquecer-lhe a memória, e a história acabaria irremediavelmente torcida. Como facilmente se percebe, esse método de transmitir a revelação de Deus não seria muito fidedigno.

As tradições orais dos homens, aquelas histórias que passam de uma geração a outra, geralmente vão se modificando, à medida que são transmitidas de geração em geração. Assim sendo, é claro que esse método de aprender por tradição oral, a respeito de Deus e dos Seus propósitos, não é digno de confiança.

O nosso grande e sábio Deus mostrou-nos o Seu amor através de Suas provisões em nosso favor. Ele cuida da nossa sobrevivência física de muitas maneiras, como através de seu maravilhoso desígnio do ciclo da água, que purifica e fornece água potável ao mundo. Não menos admirável é o Seu método de renovar o oxigênio da atmosfera. Quando respiramos, exalamos dióxido de carbono, ao passo que as plantas emitem oxigênio no ar. Inalamos o oxigênio liberado pelas plantas, e estas absorvem o dióxido de carbono, com o qual produzem os próprios nutrientes.

Ora, se Deus providenciou tão cuidadosamente o necessário para a nossa natureza física, então certamente Ele não espera que solucionemos, sozinhos, os nossos problemas espirituais. Sem uma revelação da Sua parte, o homem natural sequer notaria a própria condição e necessidade de ajuda. Para compreendermos por que era necessária uma revelação por parte de Deus, precisamos saber o que significa o vocábulo revelação, em relação a Deus. Ele significa que Deus revela ou desvenda às pessoas aquilo que elas não poderiam saber de nenhuma outra maneira, sobre Ele e sobre os Seus propósitos. Não se esqueça dessa definição, bem como das outras palavras-chave que podem ajudar a compreender esta lição.

Visto que Deus é grande e amoroso, e que o homem precisa tão desesperadamente de ajuda a fim de resolver o seu problema do pecado, já poderíamos esperar que Deus dissesse claramente ao homem quem Ele é e o que Ele quer que o homem faça. Além disso, é perfeitamente lógico que Deus haveria de garantir que essa revelação fosse protegida, a fim de que as pessoas pudessem ter esse conhecimento, sem distorcê-lo de maneira alguma. Assim, como poderíamos esperar, Deus providenciou para que a Sua revelação fosse preservada em forma escrita, por razões muito lógicas.

EXERCÍCIOS

Marque “C” para certo e “E” para errado

- ___ 8.01 As tradições orais dos homens, aquelas histórias que passam de uma geração a outra, geralmente vão se modificando, à medida que são transmitidas.
- ___ 8.02 O método da tradição oral, para se aprender sobre Deus e os Seus propósitos, é totalmente confiável.
- ___ 8.03 Nosso Deus amoroso, que providenciou tão cuidadosamente o necessário para a nossa natureza física, não espera que solucionemos sozinhos os nossos problemas espirituais.
- ___ 8.04 Sem uma revelação da parte de Deus, o homem natural sequer notaria a própria condição e necessidade de ajuda.
- ___ 8.05 O vocábulo revelação, em relação a Deus, significa que Deus revela ou desvenda às pessoas aquilo que elas, de nenhuma outra maneira, poderiam saber sobre Ele e os Seus propósitos.
- ___ 8.06 Deus não apenas revelou ao homem quem Ele é e quais os seus propósitos, como ainda garantiu que a Sua revelação fosse preservada na forma escrita.

TEXTO 2

A INSPIRAÇÃO DAS ESCRITURAS

Acreditamos que as Escrituras são a revelação infalível (que se cumpre sem falhar) de Deus sobre Si mesmo e sobre os Seus propósitos quanto à vida dos homens. Elas foram escritas por autores humanos, que agiram movidos pelo Espírito Santo.

Quando falamos das Escrituras, referimo-nos aos escritos que conhecemos pelos nomes de Antigo e Novo Testamento, os sessenta e seis livros da Bíblia Sagrada. (A Bíblia católica contém mais livros – os apócrifos, cuja autenticidade não foi reconhecida pela igreja evangélica genuinamente bíblica).

Definição de Inspiração

O termo inspiração indica uma operação do Espírito Santo, mediante a qual Ele guiou ou supervisionou os autores das Escrituras, na seleção do material a ser incluído e das palavras que eles escreveram. Foi um poder especial para uma tarefa especial. Deus pôs na mente e no coração dos escritores sagrados o que Ele queria que expressassem. Assim, eles escreveram sob a direção ou gerência do Espírito Santo. O Espírito de Deus resguardou esses autores de qualquer erro e de qualquer omissão, no registro daquilo que Deus queria que eles escrevessem. Por outro lado, é admirável que Ele tenha usado a personalidade desses autores humanos, no registro escrito da Sua revelação. O estilo e o vocabulário de cada livro da Bíblia são superiores a qualquer escrito meramente humano.

DEFININDO A INSPIRAÇÃO DIVINA DA BÍBLIA

Antes de tudo, devo adiantar que não é nada fácil explicar o processo da inspiração divina da Bíblia Sagrada. Aliás, se a considerarmos com a austeridade teológica que ela demanda, ver-nos-emos não diante de um processo, mas perante um milagre único e singular, que, iniciado por Deus em Moisés, ainda no Egito, veio a encerrar-se em João, na ilha de Patmos (Êx 17.14; Ap 22.18,19). Desde então, homem algum jamais voltou a ser inspirado de forma divina, inerrante e plena, como os cerca de 40 autores, que, sob a autoridade do Espírito Santo, vieram a escrever o Antigo e o Novo Testamentos.

O substantivo “*inspiração*” procede do vocábulo latino *inspirazione*. Fisiologicamente, é a ação de introduzir o ar nos pulmões. Neste sentido, dá-se a inspiração, quando levamos o oxigênio ao interior de nosso organismo.

Exatamente, aqui, evocaremos o texto áureo da inspiração divina, verbal, plenária e semântica da Bíblia Sagrada: “Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redar-

guir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra” (2Tm 3.16,17).

A expressão “*divinamente inspirada*”, no grego do Novo Testamento, provém do vocábulo *theopneustos*, que, por sua vez, origina-se de dois termos distintos: *Theos*, Deus, e *pneustos*, sopro. Se o interpretarmos literalmente, viemos a concluir que a inspiração, biblicamente considerada, é aquilo que foi assoprado diretamente por Deus. Logo, o Senhor Deus, através do Espírito Santo, assoprou as Escrituras sobre os autores sacros que, continuamente supervisionados pelo Santo Espírito, inspiraram-nas para dentro de si, de maneira inerrante, infalível, plena, única e eterna, impregnando, delas, todo o seu espírito, alma e corpo.

Evoquemos, também, a declaração de Pedro acerca da sobrenatural e perfeitíssima inspiração da Bíblia Sagrada: “Sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos]

Os autores humanos das Escrituras não estavam necessariamente conscientes de que aquilo que estavam a escrever seria um dia reunido a outros escritos, de outros autores, fazendo parte da revelação divina registrada. No entanto, ao serem impelidos por Deus, escreveram obedientemente e não duvidaram das palavras que deveriam ser usadas. Para exemplificar, Deus impulsionou Lucas com a necessidade de pesquisar e investigar todas as narrativas feitas por testemunhas oculares sobre a vida de Jesus, a fim de que pudesse escrever de maneira bem ordenada (Lc 1.1-4). Com frequência, Paulo escreveu a fim de responder perguntas feitas pelas igrejas locais, para fornecer os ensinamentos de que essas igrejas careciam e para dar instruções a indivíduos diversos (1 Co 1.10-13; 7.1; Gl 1.6,7; 1Tm 1.3; Fm 10). No entanto, tudo quanto ele escreveu, fê-lo movido pelo Espírito Santo que o inspirava.

Duas porções das Escrituras, em o Novo Testamento, fornecem-nos uma valiosa compreensão sobre a inspiração do Espírito Santo aos escritores sagrados. Paulo escreveu: “Toda a Escritura é divinamente inspirada...” (2 Tm 3.16). E Pedro faz a seguinte afirmação:

falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2 Pe 1.20,21 - ARA).

Nesta passagem, o apóstolo Pedro usa o verbo *φέρω*, que, com espantosa precisão, indica que os santos escritores, no processo de inspiração da Bíblia Sagrada, foram movidos, guiados, conduzidos e até transportados pelo Espírito Santo (Ez 8.3). Logo, não receberam eles meros insights celestiais, mas foram inspirados de forma plena, a fim de que, plenamente, escrevessem a Sagrada Bíblia, a única palavra escrita e autorizada de Deus. O Preceptor Divino, portanto, deu-lhes completa e suficiente assistência, levando-os a escrever com suma perfeição e inerrância o Antigo e o Novo Testamentos. Guiou-os, inclusive, na escolha dos vocábulos mais exatos e apropriados.

A inspiração divina da Bíblia Sagrada é um milagre irrepelível. Consumado em João, o derradeiro autor do Cânon Sagrado, nenhum outro escritor veio dele a usufruir. Todos os sinais e maravilhas registrados na História Sagrada podem voltar a repetir-se, exceto a inspiração que deu origem ao Antigo e ao Novo Testamentos. Incluamos também, entre as coi-

sas divinas irrepelíveis, a virginal concepção e encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Em nosso Dicionário Teológico, assim definimos a inspiração da Bíblia Sagrada: “Ação sobrenatural do Espírito Santo sobre os escritores sacros, que os levou a produzir de maneira inerrante, infalível, única e sobrenatural, a Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada”.

Em primeiro lugar, consideraremos o aspecto verbal da inspiração divina da Bíblia Sagrada e, depois, o seu caráter plenário.

Inspiração verbal da Bíblia

Não podemos negar a realidade da inspiração verbal das Escrituras, alegando que o Espírito Santo, em sua produção, limitou-se a inspirar apenas ideias, proposições e conceitos, e não as palavras desses mesmos conceitos, proposições e ideias. Não estamos a defender, aqui, a teoria do ditado mecânico das Escrituras, porque os seus autores, conquanto submissos ao Santo Espírito, participaram ativamente na redação da Palavra de Deus. Não ignoramos, outrossim, que,

“Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (2 Pe 1.20,21).

Os próprios autores sagrados falam, frequentemente, sobre como eles mesmos, ou os outros escritores sagrados, foram movidos pelo Espírito. Eles referem-se a isto asseverando que Deus lhes falou. Eis alguns exemplos dentre os muitos que há na Bíblia:

“Então disse o Senhor a Moisés: Escreve isto para memória num livro...” (Êx 17.14).

“Mas agora, assim diz o Senhor...” (Is 43.1).

“A palavra que veio a Jeremias, da parte do SENHOR, dizendo...” (Jr 11.1).

nalgumas poucas ocasiões, houve realmente ditados formais em sua elaboração (Êx 34.27,28).

Nossa mente produz imagens e pensamentos. Na produção de uma imagem, não empregamos verbalização alguma; as memórias auditivas, visuais, táteis, olfativas e gustativas são suficientes. Todavia, na elaboração de um pensamento, ver-nos-emos obrigados a usar todos os nossos recursos linguísticos; doutra forma, jamais poderemos dar-lhe a consistência verbal necessária. Portanto, uma proposição, ao ser concebida, em nossa mente, já nos chega, ao espírito, estruturada através de palavras, frases e orações logicamente coordenadas.

Conclui-se que, na outorga de sua inspirada e inerrante Palavra, o Senhor Deus assoprou-a no espírito, na alma e na mente de seus autores, já com os substantivos, adjetivos e verbos necessários e suficientes, a fim de que eles a escrevessem inspirada e inerrantemente. Neste processo, é claro, o Senhor levou em consideração o universo vocabular e o contexto histórico e cultural de cada escritor sagrado.

Inspiração plena da Bíblia

Agora, consideremos o caráter pleno da inspiração divina da Palavra de Deus. Assegura esta doutrina ser toda a Bíblia Sagrada, de Gênesis a Apocalipse, o resultado direto do sopro divino, não havendo diferenciação inspiratória entre os 66 livros do Cânon Sagrado.

Neste sentido, a inspiração das Sagradas Escrituras é plena, uniforme e perfeita, não comportando gradações, nem sombra de variação; todas as suas partes usufruem da mesma intensidade e qualidade inspiracional. Tanto as genealogias do Gênesis quanto a Oração Sacerdotal de nosso Senhor, registrada em João, foram invariável e igualmente inspiradas pelo Espírito Santo.

A inspiração plenária e verbal da Bíblia Sagrada, enfatizo, não eliminou a participação de seus autores humanos. Foram estes sobrenaturalmente usados de acordo com os seus traços pessoais, culturais e estilísticos. Eis por que afirmamos que a Bíblia Sagrada, à semelhança de nosso Senhor Jesus Cristo, possui dupla natureza. Ela é verdadeiramente divina, pois asso-

“Assim diz o Senhor...” (Am 1.3,6,9).

“Se alguém cuida ser profeta, ou espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor” (1 Co 14.37).

“...como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada... e igualmente as outras Escrituras...” (2 Pe 3.15,16) Notemos que, no v. 16, Pedro reconhece que o que Paulo escreveu eram Escrituras.

Dessa forma, vemos que a inspiração do Espírito Santo aos autores humanos, no registro das Escrituras, foi uma capacitação especial para uma tarefa especial.

Evidências da Inspiração

Façamos agora um exame das evidências da inspiração das Escrituras, considerando três fatos de suma importância: a confirmação das

prada por Deus, através de seu Espírito Santo, e verdadeiramente humana, porque homens santos, por meio do mesmo Espírito, inspiraram-na para dentro de si, impregnando com ela todo o seu ser, para escrevê-la de maneira inerrante, plena, eterna e, portanto, infalível.

Inspiração semântica

Levemos em consideração, ainda, que Deus inspirou a sua inerrante e eterna Palavra não apenas verbal e plenariamente, mas também em termos sematológicos. Isto quer dizer que o sentido empregado pelo hagiógrafo, ao registrar a revelação divina, estando ele sob a inspiração do Espírito Santo, não mudou desde então.

Em sua infinita sabedoria, o Senhor veio a inspirar o Antigo e o Novo Testamentos no auge de seus idiomas originais – o hebraico, o aramaico e o grego. No que tange ao Antigo Testamento, observamos que, durante a sua escrituração, ainda no período canônico, houve algumas adaptações linguísticas, que, aliás, foram também efetuadas sob a direção

do Espírito Santo. Vejamos, como exemplo, esta passagem: “Antigamente em Israel, indo alguém consultar a Deus, dizia assim: Vinde, e vamos ao vidente; porque ao profeta de hoje, antigamente se chamava vidente” (1Sm 9.9).

Quando do fechamento do Cânon Sagrado, o caráter da inspiração divina – verbal, pleno e sematológico – estava devidamente resguardado. De modo que o sentido do primeiro versículo de Gênesis, por exemplo, desde que Moisés o escreveu, continua inalterável. Concernente às traduções bíblicas nos vernáculos atuais, a dinâmica é outra. De vez em quando, faz-se necessária uma revisão gramatical, semântica e, às vezes, estilística, devido à evolução natural de cada idioma. Esse trabalho, porém, tem de ser conduzido com redobrado zelo e temor, a fim de não incorrer nas maldições do Apocalipse (Ap 22:18,19).

Escrituras do Antigo Testamento por Jesus; o cumprimento das profecias bíblicas; a unidade dos temas bíblicos.

1. Jesus confirmou o Antigo Testamento. Em primeiro lugar, Jesus asseverou que as Escrituras permaneceriam para sempre (ver Mateus 5.17,18; Lucas 10.26; 21.22; João 10.35). Em segundo lugar, Ele afirmou que as Escrituras testificam a Seu respeito (Mt 26.24; Mc 9.12; Lc 18.31; 24.44; Jo 5.39). Em terceiro lugar, Jesus corroborou a autoridade do Antigo Testamento, ao citá-lo em diversas ocasiões (Mt 4.4,7,10; 21.13; 26.31).

Você já reparou que Jesus nunca destacou qualquer frase ou ensino do Antigo Testamento como falsos ou não dignos de confiança? Certamente Ele teria dito algo a respeito de qualquer porção do Antigo Testamento que não fosse inspirada. Antes, Ele demonstrou total aceitação dos escritos sagrados, os quais os judeus mesmo aceitavam como inspirados por Deus. A reverência de Jesus pelas Escrituras do Antigo Testamento, Sua aprovação às mesmas e o uso que delas fez servem de fortíssimas evidências de que elas foram sobrenaturalmente inspiradas.

2. O cumprimento das profecias bíblicas. A Bíblia é mais do que um livro escrito por autores intelectualmente bem dotados. O cumprimento de muitas de suas profecias, de maneira tão completamente exata, aponta para o envolvimento do Espírito Santo nelas. Sob hipótese alguma esses eventos poderiam ter sido previstos pelo raciocínio inteligente do homem. Muitas dessas profecias já foram cumpridas à risca, e as demais serão cumpridas no devido tempo.

O local de nascimento de Jesus. A pequena aldeia onde o Messias deveria nascer foi destacada pelo profeta Miquéias, cerca de setecentos anos antes do acontecimento: “E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que governará em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade” (Mq 5.2). Imaginemos o que foi preciso para que José e Maria chegassem àquela aldeia. Do ponto de vista puramente humano, poderíamos até dizer que eles quase não conseguiram chegar lá! Pouco tempo depois de terem ali chegado, Jesus nasceu. O Espírito Santo em Sua onisciência, sabia que o Rei divino não nasceria em Jerusalém, mas na pequena aldeia de Belém da Judéia.

A traição de Judas Iscariotes. Ficamos admirados diante do fato de que a traição a Jesus foi predita pelo salmista mais de mil anos antes do nascimento de Jesus. Quem poderia ter previsto que o Ungido, que

muitas gerações anelaram ver, Aquele que viria trazer a salvação a Israel, Aquele que Deus designara para ser governante para sempre, seria traído por um amigo íntimo? No entanto, é precisamente isso que lemos: “Até o meu próprio amigo íntimo, em quem eu tanto confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar” (Sl 41.9).

A maneira da morte de Jesus. Uma terceira predição que nos causa admiração sugere uma forma de execução para o Escolhido de Deus, que sequer era usada em Israel quando Davi compôs o Salmo 22. Nos dias de Davi, os judeus apedrejavam os criminosos condenados à morte. O Salmo 22, porém, predizia um método diferente de execução: “... traspas-saram-me as mãos e os pés” (v.16). Isso deve ter parecido muito estranho aos ouvidos dos judeus, mas essas palavras ajustam-se perfeitamente ao quadro de uma crucificação romana.

A profecia bíblica provê ainda outros detalhes sobre a crucificação de Jesus. Você deve estar lembrado de que Deus deu instruções especiais a Moisés, a respeito das preparações de Seu povo antes de partirem do Egito. O cordeiro pascal deveria ser abatido e, o seu sangue, salpicado sobre as vergas e ombreiras das portas das casas dos israelitas. A carne do cordeiro também deveria ser preparada de maneira especial: tinha de ser assado inteiro. Provavelmente, Deus tinha um certo número de razões para essas instruções; mas uma delas era perfeitamente clara: nenhum osso poderia ser quebrado. Se os israelitas tivessem de cozinhar a carne na água, então os ossos do cordeiro teriam de ser quebrados, a fim de que os pedaços coubessem na panela. Mas o Espírito Santo sabia que o cordeiro pascal de Israel era um tipo ou símbolo do perfeito Cordeiro Pascal, o Senhor Jesus. Por isso a palavra profética afirmou, mil anos antes de Seu nascimento, que Ele seria maltratado, transpassado e espancado, mas nenhum de Seus ossos seria quebrado.

“Os judeus, pois, para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, visto como era a preparação (pois era grande o dia de sábado), rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados. Foram, pois, os soldados, e, na verdade, quebraram as pernas ao primeiro, e ao outro que como ele fora crucificado; mas, vindo a Jesus, e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas. Contudo um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água. E aquele que o viu testemunhou

é verdadeiro; e sabe que é verdade o que diz, para que também vós o creiais. Porque isto aconteceu para que se cumprisse a Escritura, que diz: Nenhum dos seus ossos será quebrado. E outra vez diz a Escritura: Verão aquele que traspassaram”. (Jo 19.31-37)

Embora fosse costume quebrar os ossos dos crucificados, a fim de apressar a sua morte, não foi necessário quebrar as pernas de Jesus, visto que os soldados já O encontraram morto. Ao invés disso, furaram-Lhe o lado com uma lança. (Comparar Isaías 52.13-15 e 53.1-12 com Salmos 34.20).

Outras Profecias. Muitas outras predições bíblicas têm sido cumpridas e não podem ser explicadas como mera coincidência. Consideremos o grande número de profecias bíblicas que estão se cumprindo diante de nossos olhos, desde o renascimento de Israel como uma nação (ver Isaías 35.1,2; Ezequiel 37; Zacarias 8.7,8 e 10.9). Tantas predições existentes no livro de Daniel têm se cumprido, que os críticos liberais têm tentado mostrar que esse livro consiste em registros históricos e não em predições proféticas. Mas tudo em vão. Os eruditos modernos continuam a descobrir novas evidências de que Daniel viveu, realmente, na época do cativeiro babilônico e que a revelação que ele recebeu sobre o futuro foi registrada durante aqueles anos.

3. A unidade dos temas bíblicos. Embora escritos por cerca de quarenta autores diferentes, e durante um período de aproximadamente mil e seiscentos anos, os livros da Bíblia apresentam-nos um tema predominante: a redenção do homem, por parte de Deus, mediante o sacrifício de Seu Filho, Jesus Cristo. Na Bíblia destaca-se somente um sistema doutrinário, um único padrão moral, um único plano de salvação e um único plano divino para os séculos. Os livros da Bíblia, longe de entrarem em choque uns com os outros, confundindo os seus temas, completam-se entre si de maneira harmoniosa. Uma maravilhosa série de revelações desdobradas move-se ao longo de um curso dramático, que atinge o seu clímax no triunfo de Cristo. Os livros da Bíblia, tão diferentes um do outro como Levítico e João, produzem apenas uma narrativa, um tema só, uma única grandiosa realização. Os quatro evangelhos dão detalhes da vida de Cristo, e cada um deles lança luz sobre um diferente aspecto do caráter e do ministério de Jesus. No entanto, juntos, os quatro evangelhos contam uma história unificada.

EXERCÍCIOS**Marque “C” para certo e “E” para errado**

- ___ 8.07 A inspiração divina da Bíblia Sagrada é um milagre único e irrepetível, iniciado por Deus em Moisés, ainda no Egito, e encerrado em João, na Ilha de Patmos (Êx 17.14; Ap 22.18,19).
- ___ 8.08 Desde que o Canon Sagrado foi encerrado com João na Ilha de Patmos, homem algum jamais voltou a ser inspirado de forma divina, inerrante e plena, como aqueles que, sob a autoridade do Espírito Santo, escreveram o Antigo e o Novo Testamentos.
- ___ 8.09 Na produção das Escrituras Sagradas, o Espírito Santo limitou-se a inspirar apenas ideias, proposições e conceitos, e não as palavras empregadas pelos escritores.
- ___ 8.10 O Espírito de Deus resguardou os autores sagrados de qualquer erro e de qualquer omissão, no registro daquilo que Deus queria que eles escrevessem.
- ___ 8.11 Os autores humanos das Escrituras sabiam de antemão que aquilo que estavam a escrever seria reunido aos escritos de outros autores, fazendo parte da revelação divina registrada.
- ___ 8.12 Formando uma unidade perfeita, os livros da Bíblia apresentam um tema predominante: a redenção do homem, por parte de Deus, mediante o sacrifício de Seu Filho, Jesus Cristo.

Assinale com “X” a alternativa correta

- 8.13 São evidências da inspiração divina das Escrituras:
- ___ a) A confirmação do Antigo Testamento por Jesus.
- ___ b) O cumprimento das profecias bíblicas.
- ___ c) A unidade dos temas bíblicos.
- ___ d) Todas as alternativas estão corretas.
- 8.14 Corroborando a autoridade do Antigo Testamento, o Senhor Jesus
- ___ a) asseverou que as Escrituras permaneceriam para sempre.
- ___ b) afirmou que as Escrituras testificam a Seu respeito.
- ___ c) citou-o em diversas ocasiões.
- ___ d) Todas as alternativas estão corretas.

TEXTO 3

A EXCLUSIVIDADE DAS ESCRITURAS

Quando falamos sobre a exclusividade das Escrituras, queremos dizer que a Bíblia é a completa e suficiente revelação que Deus faz de Si mesmo. Já vimos que Deus utilizou-se de um certo número de autores humanos, a fim de registrar a Sua revelação em forma escrita. Também já falamos sobre o tempo transcorrido até que se completasse esse desvendamento do plano divino. Mui naturalmente, pois, chegamos a duas indagações importantes: 1) Quando essa revelação escrita foi completada? 2) O que é que está incluído nessa revelação divina? Vamos agora examinar estas duas questões.

O Término da Revelação Divina

Já pudemos considerar a atitude de Jesus para com o Antigo Testamento: – Ele o aprovou e confirmou, citando-o muitas vezes. Todavia,

A COMPLETUDE DA BÍBLIA

Há duas verdades quanto às Escrituras Sagradas que andam de mãos dadas: sua autoridade e completude; é impossível dissociá-las. A primeira é a sua soberania em matéria de fé e prática; a segunda não admite quaisquer autoridades que contrariem a Bíblia, quer diminuindo-lhe a revelação, quer acrescentando outros dados além daqueles que nos foram apresentados pelo Senhor através da inspiração do Espírito Santo. A seguir, veremos a importância da completude bíblica.

1. **Definição.** Completude é aquilo que, pela excelência de suas qualidades, satisfaz plenamente, não admitindo acréscimos nem diminuições; é aquilo que é suficiente por si mesmo.

2. **Definição teológica.** Assim Wayne Gruden define a completude e a suficiência das Sagradas Escrituras: “Significa que as Escrituras contêm todas as palavras de Deus que Ele pretendia que Seu povo tivesse em cada estágio da história da redenção, e que contêm tudo o que precisamos que Deus nos diga para a salvação, e para, de maneira perfeita, confiarmos Nele e obedecê-Lo”.

3. **O testemunho da Bíblia quanto à sua suficiência.** O apóstolo Paulo mostra a inspira-

ção da Bíblia como prova de sua completude: “Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça” (2 Tm 3.16).

Bem antes de Paulo, o legislador dos hebreus, Moisés, exorta Israel a que preserve a doutrina da completude da Palavra de Deus: “Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardéis os mandamentos do SENHOR, vosso Deus, que eu vos mando” (Dt 4.2).

Finalmente, no último livro do cânon sagrado, deixa-nos João esta seriíssima advertência: “Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; e, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte do livro da vida, e da cidade santa, e das coisas que estão escritas neste livro. Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho. Amém. Ora vem, Senhor Jesus. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém!” (Ap 22.18-21).

quando já se aproximava o final de Seu ministério terreno, Jesus indicou que ainda havia muitas outras verdades a serem reveladas aos Seus discípulos:

“Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. Um pouco, e não me vereis; e outra vez um pouco, e ver-me-eis; porquanto vou para o Pai”. (Jo 16.12-15)

Neste trecho, vemos que verdades adicionais seriam reveladas pelo Espírito Santo. Essas verdades incluíam acontecimentos futuros (“coisas que hão de vir”); orientação e iluminação (“há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar”) e o que é necessário para viver de modo agradável a Deus (“Ele me glorificará”).

Nessa afirmação de Jesus foram incluídos dois detalhes de magna importância, a saber:

1. Ele prometeu que o Espírito Santo completaria a revelação, guiando os Seus seguidores em toda a verdade (v.13). Ele os capacitaria a entender e a aplicar os ensinamentos de Jesus.
2. Ele referiu-se à revelação do Novo Testamento, antes de este haver sido desvendado aos escritores humanos e registrado por escrito. Poderíamos dizer que Ele validou o Novo Testamento com antecedência. Validar significa “declarar algo como aprovado e autoritativo”. Dessa forma, o trabalho escrito dos autores dos evangelhos, do livro de Atos, das epístolas e do livro de Apocalipse foi predito, explicado e aprovado.

Os escritores sagrados indicam que aquilo que escreveram foi recebido por revelação e falam-nos sobre a sua experiência pessoal. Em Efésios 3.1-12, o apóstolo Paulo diz que ele e os demais apóstolos e profetas receberam revelações divinas sobre verdades anteriormente

desconhecidas. Pedro também reconheceu o valor daquilo que o Espírito Santo revelara e inspirara a ser registrado por escrito (2 Pe 1.20,21). Em 2 Pedro 3.15,16 ele refere-se a ensinamentos doutrinários escritos pelo apóstolo Paulo, chamando-os de Escrituras.

Por volta de 64 ou 65 d.C., quase todos os evangelhos e as epístolas do Novo Testamento já haviam sido escritos e circulavam entre as igrejas locais. E cerca de vinte e cinco ou trinta anos mais tarde, o apóstolo João recebeu o Apocalipse: a “Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos...” (Ap 1.1). O Espírito Santo, tendo capacitado e inspirado o apóstolo a registrar o que lhe era revelado, completou a divina revelação escrita. E agora que as Escrituras estão completas, não devemos acrescentar e nem retirar delas coisa alguma. Progressivamente, o Senhor foi revelando a Sua vontade e o Seu propósito através de um período de cerca de mil e seiscentos anos. Nada mais precisamos. Deus já disse tudo quanto queria revelar-nos acerca de Si mesmo e de Seu plano para nós.

Isso quer dizer que a inspiração especial do Espírito Santo, que trouxe à existência a Palavra de Deus em forma escrita, não continua à nossa disposição hoje. Essa manifestação do Espírito destinou-se exclusivamente aos autores das Sagradas Escrituras. Podemos ser impelidos por Deus para contribuirmos para a expansão do Seu reino, mas não para produzirmos revelações divinas escritas. Tendo lido, estudado e aplicado os ensinamentos das Escrituras, podemos dizer com certeza que, verdadeiramente, Deus falou-nos de modo claro e coerente. Ele nos revelou, de modo completo, aquilo que quis que soubéssemos. Nada mais é necessário. Quaisquer supostas revelações posteriores às Escrituras devem ser rejeitadas. Eis o que Paulo escreveu sob a inspiração do Espírito de Deus: “Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema” (Gl 1.8).

Observação: É verdade que Deus continua a falar hoje à Sua Igreja, por meio do dom de profecia, mas essas profecias são tão somente para edificar, exortar e consolar os crentes (1 Co 14.3). Jamais devem ser entendidas como acréscimo ou substituição da revelação especial de Deus registrada na Bíblia. Além disso, toda e qualquer profecia deve harmonizar-se com a Palavra de Deus e jamais contradizê-la.

EXERCÍCIOS**Assinale com “X” a alternativa correta**

- 8.15 Quando se fala em “exclusividade das Escrituras”, está se indicando que
- ___a) a Bíblia é a completa e suficiente revelação de Deus.
 - ___b) nada mais é necessário e nem deve ser acrescentado à Bíblia.
 - ___c) quaisquer supostas revelações posteriores às Escrituras devem ser rejeitadas.
 - ___d) Todas as alternativas estão corretas.
- 8.16 Lendo João 16.12-15, conscientizamo-nos de que
- ___a) Jesus referiu-se à revelação do Novo Testamento, antes que esta fosse desvendada pelo Espírito aos autores humanos e registrada por escrito.
 - ___b) o Novo Testamento foi previamente validado por Jesus.
 - ___c) Jesus estava se referindo ao Novo Testamento, quando disse que ainda tinha muito a dizer aos Seus seguidores, mas que isso seria feito quando viesse o “Espírito de verdade”.
 - ___d) Todas as alternativas estão corretas.

Marque “C” para certo e “E” para errado

- ___8.17 Em passagens como Efésios 3.1-12 e 2 Pedro 1.20,21, os autores sagrados indicam que aquilo que escreveram foi recebido por revelação e falam-nos sobre a sua experiência pessoal.
- ___8.18 Por volta de 64 ou 65 d.C., quase todos os evangelhos e as epístolas do Novo Testamento já haviam sido escritos e circulavam entre as igrejas locais.
- ___8.19 Quando João, inspirado pelo Espírito Santo, registrou por escrito a “Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu”, escrevendo assim o livro de Apocalipse, completou-se a revelação divina escrita e fechou-se o cânon das Sagradas Escrituras.
- ___8.20 A inspiração especial do Espírito Santo, que trouxe à existência a Palavra de Deus em forma escrita, continua à disposição hoje, para que mais revelações sejam acrescentadas à Bíblia.

___8.21 Na Bíblia Sagrada, Deus nos revelou, de modo completo, aquilo que quis que soubéssemos.

TEXTO 4

O CÂNON DAS ESCRITURAS

Quase dois mil anos se passaram, desde que foi feita a última revelação bíblica. Essa revelação incluía o programa remidor de Deus, conforme revelado a princípio no Antigo Testamento, e também o Seu convite final ao homem, em o Novo Testamento.

Muitos indagarão: “Como foram reunidos todos os registros escritos da revelação divina, a fim de formar um só livro? Quando essa tarefa foi realizada? Qual agência, instituição ou indivíduos são os responsáveis pela formação da Bíblia?” Passaremos agora a considerar estas perguntas.

A Formação do Antigo Testamento

Chamamos os trinta e nove livros do Antigo Testamento de cânon do Antigo Testamento. Esta palavra vem diretamente da palavra grega *kanon*, que originalmente significava “cana” ou “vara”. Posteriormente veio a significar “vara de medir”, “regra” ou “padrão”. No que diz respeito às Escrituras, a palavra cânon refere-se aos livros que foram “medidos” de acordo com certos critérios, satisfazendo a todos os requisitos, pelo que são reconhecidos como revelação de Deus, escrita por inspiração Sua.

Fazendo uma breve revisão, o começo da revelação divina foi registrado por Moisés, em forma escrita, por volta de 1450 a.C. O desvendamento final do Antigo Testamento foi registrado nos fins do século V a.C. Creditamos a Moisés a autoria dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento, que também são chamados de a Lei. Em seguida, na Bíblia hebraica, aparecem os livros denominados os Profetas. Esses incluem os livros inspirados a homens dotados do dom profético. A terceira divisão é chamada de os Escritos e inclui três grupos: 1) livros escritos por ocasiões específicas, como festividades (por exemplo, Ester, que era o livro lido durante a festa de Purim); 2) livros poéticos (Salmos, Provérbios e Jó); 3) livros históricos, não-proféticos (Daniel, Esdras, Neemias e Crônicas, que foram escritos por homens que não ocupavam o ofício profético, embora Daniel fosse um profeta autêntico). Os livros que compõem a Bíblia hebraica são os mesmos trinta e nove livros que reconhecemos como o nosso Antigo Testamento.

As evidências que nos foram dadas pelo historiador judeu, Flávio Josefo (em 95 d.C.), indicam que os livros do Antigo Testamento foram reunidos sob a direção de Esdras e dos membros da Grande Sinagoga, no século V a.C. Os trinta e nove livros que figuram nas três categorias acima mencionadas – a Lei, os Profetas e os Escritos – eram considerados pelo povo de Deus como divinamente inspirados e tidos como a única regra de fé e conduta.

A Formação do Novo Testamento

Nos dois últimos séculos antes de Cristo, Israel sofreu terríveis opressões e perseguições por parte de nações estrangeiras. Perplexas, as pessoas indagavam: “Por que Deus não intervém? Não há esperança alguma de que será feita a justiça?”

Como resposta a essas indagações ansiosas, surgiu um grupo de obras literárias, no estilo chamado apocalíptico (relativas à predição de eventos violentos, que haveriam de abalar o mundo). Apareceram vários livros que, segundo se afirmava, foram escritos por antigos personagens bíblicos. Essas chamadas profecias asseveravam que em breve Deus haveria de irromper na história, mediante julgamentos violentos, punindo os ímpios e recompensando os justos. Apesar de esse tipo de literatura revestir-se de certo valor histórico, tais livros nunca foram reconhecidos como pertencentes ao mesmo nível das Sagradas Escrituras, nem pelos judeus e nem pela Igreja cristã primitiva. Um exemplo desse tipo de literatura é um grupo de escritos chamados livros apócrifos.

Quando, cumprindo-se a plenitude dos tempos, Jesus veio a este mundo para ministrar, morrer, ressuscitar e ascender novamente a Deus Pai, trouxe esperança e luz a um povo cego pelo pecado e executou o plano da salvação. No entanto, Ele nem puniu os ímpios e nem recompensou os justos. Em vez disso, estabeleceu a Igreja e ordenou que os crentes saíssem a pregar o evangelho por toda parte e a toda criatura. Salientou em particular aos Seus seguidores que anunciassem todas as coisas que Ele havia ensinado (ver Mateus 28.20). Como é óbvio, era necessário registrar por escrito aquilo que Jesus havia feito, dito e ensinado.

Quando a Igreja primitiva cresceu em número e espalhou-se geograficamente, os crentes amadureceram através do ministério da pregação do evangelho. Essa obra fora iniciada por aqueles que tinham andado com o Senhor, durante o Seu ministério na terra. Crescendo os crentes espiritualmente, surgiram entre eles perguntas acerca da aplicação prática da graça

divina aos problemas diários e às diferenças culturais, além de indagações acerca das demandas impostas pela sociedade e das heresias (opiniões ou doutrinas contrárias àquilo que os crentes reconheciam como legítimo). Os líderes apostólicos deram respostas a essas necessidades, escrevendo epístolas instrutivas (cartas), que passaram a circular entre as igrejas cristãs. Era evidente que esses escritos tinham sido feitos por inspiração do Espírito Santo, passando a ser aceitos como Escrituras Sagradas (ver 2 Pedro 3.15,16). Em seguida, quando os apóstolos e outros líderes cristãos e os demais crentes primevos começaram a envelhecer, o Espírito Santo moveu alguns a registrar a vida de Cristo por escrito (ver 2 Pedro 1.12-15). Esses registros receberam o nome de evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João).

Devemos nos lembrar que, ao mesmo tempo em que a Igreja amadurecia, houve “falsos irmãos”, “falsos apóstolos” e “anticristos”, que se intrometiam entre os irmãos e procuravam deturpar as doutrinas da Igreja (ler 2 Coríntios 11.12-15; Gálatas 1.6-9; 3.1; Colossenses 2; 1 Timóteo 4.1-3; 2 Tessalonicenses 2; 2 Pedro 2; 1 João 2.18,19; Judas 1). À medida em que as Escrituras Sagradas circulavam, também circulavam vários outros tipos de literatura. No processo do tempo, pois, a Igreja desenvolveu uma maneira de reconhecer as Escrituras inspiradas por Deus, as quais recebiam o seu devido valor entre os cristãos. Naturalmente, isso destacava as Escrituras Sagradas de qualquer outra forma de literatura.

Apostolicidade: Fora escrito por um apóstolo, ou ao menos por alguém apoiado por eles?

Conteúdo espiritual: O livro estava sendo lido nas igrejas e produzia edificação espiritual? Produzia a fé e levava à salvação?

Exatidão Doutrinária: Seu conteúdo era doutrinariamente correto? (Qualquer sombra de heresia ou contrariedade aos livros canônicos já aceitos fazia com que fosse rejeitado).

Uso: Fora universalmente reconhecido nas igrejas, sendo amplamente citado pelos pais da Igreja, em suas pregações e literaturas?

Inspiração divina: Trazia verdadeira evidência da inspiração divina?

Ainda bem cedo na existência da Igreja cristã, os vinte e sete livros do Novo Testamento foram arrolados de acordo com estes critérios, tendo sido informalmente julgados como inspirados por Deus. Isso tornou-se

oficial quando, sobre bases formais, o concílio de Cartago (um grupo de líderes eclesiásticos) anunciou, em 397 d.C., que o cânon das Escrituras do Novo Testamento era composto dos vinte e sete livros que figuram, atualmente, em o Novo Testamento. Destarte, aquele concílio eclesiástico apenas confirmou, já no fim do século IV d.C., aquilo que já era plenamente evidente para todos os crentes orientados pelo Espírito de Deus.

O caráter Fidedigno dos Manuscritos

Atualmente, não possuímos nenhum dos manuscritos originais; no entanto, dispomos de muitas excelentes cópias desses documentos. Quanto às cópias e à transmissão das Escrituras Sagradas, vemos muitas evidências da proteção e dos cuidados divinos. De fato, a preservação de um texto escrito no decorrer de tantas gerações é, por si mesma, um milagre da providência divina. Talvez você indague: “Quão exato é o texto, visto que ocorrem pequenas diferenças entre uma cópia e outra?” A esta pergunta podemos responder com toda a franqueza e com grande segurança: “O texto é inteiramente digno de confiança! Essas diferenças não afetam qualquer crença ou ensinamento doutrinário, nem modificam qualquer coisa daquilo que temos aprendido sobre a revelação divina”.

O fato é que muitos peritos têm passado décadas comparando os mais antigos manuscritos com outros não tão antigos, mas igualmente dignos de confiança. Esse trabalho leva-nos a ter sobeja confiança no texto bíblico atual. Ademais, as recentes descobertas, como as antiquíssimas cópias do texto bíblico encontradas perto do mar Morto, confirmam com mais exatidão que o nosso texto bíblico tem sido milagrosamente preservado.

Os resultados de toda essa erudita investigação asseguram-nos que dispomos de textos inteiramente dignos de confiança. Esses estudos indicam que os textos que atualmente temos em hebraico e em grego são praticamente os mesmos que os textos originais (chamados autógrafos), e que todas as doutrinas do Antigo e do Novo Testamento estão intactas. Deus, o inspirador dos escritos de Sua revelação aos homens, tem-nos preservado através de muitas gerações. Podemos ter toda a confiança de que a nossa Bíblia é a Palavra de Deus!

Concernente às traduções, declaramos que a maior parte destas – antigas e modernas – está sujeita ao escrutínio de eruditos crentes e piedosos. Sua qualidade é notável. Portanto, fazemos muito bem quando comparamos uma versão com outra, considerando os méritos de cada uma delas à luz dos originais.

EXERCÍCIOS

Marque “C” para certo e “E” para errado

- ___ 8.22 A palavra cânon vem do termo grego *kanon*, que originalmente significava “cana” ou “vara”, e posteriormente veio a significar “vara de medir”, “regra” ou “padrão”.
- ___ 8.23 No que diz respeito às Escrituras, a palavra cânon refere-se aos livros que foram “medidos” de acordo com certos critérios, satisfazendo a todos os requisitos, pelo que são reconhecidos como revelação de Deus, escrita por inspiração Sua.
- ___ 8.24 Visto não mais dispormos dos manuscritos originais, não podemos ter certeza de que o cânon representa a inspirada Palavra de Deus.
- ___ 8.25 Podemos aceitar com confiança os ensinamentos da Bíblia, porquanto Deus não somente inspirou a sua escrita, como a tem preservado através dos séculos.
- ___ 8.26 Certas literaturas apocalípticas, como os chamados livros apócrifos, foram admitidas no cânon do Antigo Testamento protestante e no judaico.
- ___ 8.27 Os critérios usados na seleção dos escritos admitidos no cânon do Novo Testamento são: apostolicidade, conteúdo espiritual, exatidão doutrinária, reconhecimento e uso entre as igrejas, e inspiração divina.
- ___ 8.28 O nosso Antigo Testamento contém o mesmo conteúdo do cânon da Bíblia hebraica, embora a divisão dos livros seja feita de modo diferente.
- ___ 8.29 O cânon do Antigo Testamento tem trinta e nove livros, e o cânon do Novo Testamento tem vinte e sete livros.

TEXTO 5

A INTERPRETAÇÃO DAS ESCRITURAS

É possível que, ao ler as Escrituras, você tenha observado certos versículos, ou mesmo passagens inteiras da Bíblia, que parecem não ensinar claramente os atos e os propósitos de Deus, nem revelar o que

Ele espera da parte dos homens; algumas partes nem chega a mencionar o nome de Deus. Muitos perguntam, por exemplo, que valor pode ter o livro de Eclesiastes, e por que motivo ele faz parte da Palavra de Deus. Muitas das declarações constantes nesse livro parecem estar em direta oposição aos ensinamentos de outras partes das Escrituras. Quando lemos o livro de Eclesiastes, notamos que o seu tema é: “Tudo é vaidade” (1.2). Em outras palavras, tudo é destituído de sentido, ou então, tudo é inútil.

Quando encontramos esses versículos ou porções particulares da Bíblia, precisamos analisá-los cuidadosamente, a fim de interpretá-los de modo correto. Então devemos ler o que antecede e o que se segue a essas passagens. No caso do livro de Eclesiastes, não devemos separar essas declarações do resto do livro, ou mesmo do resto da Bíblia, para então usá-las como base para as nossas vidas. Antes, devemos ler o livro inteiro de Eclesiastes, a fim de compreendermos o que é “sem sentido”. Somente quando chegamos ao capítulo final desse livro é que a sua mensagem torna-se evidente. Ali, o autor sagrado salienta claramente que, à parte de Deus, a vida é definitivamente inútil e destituída de sentido. A experiência

COMO INTERPRETAR CORRETAMENTE A BÍBLIA

Em seu livro *Cristianismo em Crise*, Hank Hanegraaff, utilizando-se da palavra *lights* em inglês, mostra como se deve interpretar as Sagradas Escrituras. Ele foge ao extremismo da interpretação alegórica de Orígenes, e não se detém naqueles que tudo procuram interpretar de forma literal. Hanegraaff assevera com a autoridade de um consumado apologista: a Bíblia tem de ser interpretada com equilíbrio e precisão.

Em seguida, faz uso de um acróstico da palavra *lights*, proporcionando-nos uma perfeita síntese da verdade hermenêutica:

- L - Interpretação Literal,
- I - Iluminação Espiritual,
- G - Princípios Gramaticais,
- H - Contexto Histórico,
- T - Ensino Teológico,
- S - Simetria Bíblica.

Apesar de o acróstico ter sido feito para o inglês, adapta-se muito bem ao português.

1. Interpretação literal. Devemos interpretar a Bíblia de modo natural, levando em consideração o que as palavras, em si, realmente significam. Quando nos depararmos com uma parábola, ou com uma metáfora, interpretemos-las de acordo com o método metafórico. Noutras palavras: Se o Senhor Jesus, pois, afirma que é a porta, não devemos imaginar madeira, dobradiças e trancas. Mas se Ele declara ser o Filho de Deus, por que buscar, nesta passagem, uma alegoria que não existe? De fato, Ele é o Filho de Deus. O mesmo princípio tem de ser aplicado aos demais textos das Escrituras.

2. Iluminação espiritual. Se acreditamos ser o Espírito Santo o inspirador da Palavra de Deus, é mister crer que, na leitura e interpretação da Bíblia, podemos contar com a sua iluminação. Leia com atenção 1 Co 2.9-11. De que forma advém-nos a iluminação? Diz o autor sagrado que a exposição da Palavra de Deus dá-nos luz. Lembremo-nos, ainda, da exposição que o mesmo Senhor fez aos discípulos no caminho de Emaús. Enquanto Ele expunha-lhes as Escrituras, sentiam-se eles como se lhes ardesse o coração. E

da vida ensinara-lhe uma lição que ele procurou transmitir-nos sob a forma de um aviso útil:

“Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade... Teme a Deus, e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo o homem. Porque Deus há de trazer a juízo toda a obra, e até tudo que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau” (Ec 12.1,13,14).

O exemplo acima ensina-nos um valioso princípio: Qualquer passagem individual das Escrituras deve ser analisada e interpretada à luz do ensino de toda a Bíblia. Se aprendermos e aplicarmos este princípio, então edificaremos o nosso entendimento bíblico sobre um sólido fundamento. Não podemos alicerçar a nossa vida e as nossas ações sobre um texto isolado das Escrituras. Se não seguirmos este princípio, poderemos cair em sérias dificuldades.

Que Deus nos ajude a entender os ensinamentos da Sua Palavra. O Seu Santo Espírito não somente moveu e inspirou os homens que

foi assim que os viajores passaram a entender que Jesus era, realmente, o Filho de Deus.

3. Princípio gramatical. Na interpretação da Bíblia, levemos em consideração que foi ela escrita de conformidade com as regras gramaticais. Logo, deve ser interpretada, também, segundo as mesmas regras. Eis porque é de suma importância, ao leitor das Escrituras, conhecer as regras básicas da gramática e da sintaxe.

4. Contexto histórico. Não nos esqueçamos de que a Bíblia foi escrita num contexto histórico-cultural específico. Isto significa que ela deve ser interpretada, tendo-se em conta este mesmo contexto. Por conseguinte, é mister que saibamos como viviam os judeus dos tempos bíblicos: conheçamos-lhes, pois, as casas, roupas, profissões, relações sociais, culto etc. Temos hoje não poucos manuais que nos auxiliam nesta grande tarefa.

5. Ensino teológico. Embora possamos examinar livremente a Bíblia Sagrada, não podemos descurar o trabalho dos mestres e dos que se afadigam na interpretação da Palavra de Deus. Afinal de contas, os mestres foram-

-nos dados por Cristo, a fim de que nos aperfeiçoem no conhecimento divino (Ef 4.11).

O eunuco etíope, apesar de ler regularmente a Bíblia, como depreendemos do texto de Atos 8, só veio a entender o caminho da salvação, quando Filipe, sentando-se ao seu lado, pôs-se a falar-lhe de Jesus Cristo o Filho de Deus.

Por conseguinte, o ensino teológico genuinamente bíblico é imprescindível à interpretação das Sagradas Escrituras.

6. Simetria Bíblica. O mais forte dos princípios da hermenêutica sagrada é que a Bíblia interpreta-se a si mesma. Por isso não podemos, sob hipótese alguma, fazer doutrinas a partir de passagens isoladas, pois devem estas harmonizar-se com o todo. Aí está a simetria. É justamente a harmonia resultante entre as partes e o todo.

Escrita num período de 1.600 anos, por 40 autores das mais variadas ocupações, a simetria da Bíblia é absoluta. Ela não entra em contradição consigo mesma.

escreveram as Santas Escrituras, como também ilumina agora a mente daqueles que as leem. Isto significa que o Espírito esclarece os textos bíblicos, para que os entendamos corretamente. Sem a ajuda do Espírito Santo, ninguém poderia compreender devidamente as Sagradas Escrituras, porquanto o pecado nos entenebreceu a mente. Mas, quando o Espírito Santo vem residir em nós, Ele esclarece as verdades da Palavra de Deus, ajudando-nos a interpretá-las corretamente. (ver Romanos 1.21; Efésios 1.18; 4.18; 1 Coríntios 2.6-16; e 1 João 2.20,27).

Vemos, portanto, que a Bíblia é a revelação de Deus aos homens. Apesar do fato de algumas das afirmações ali existentes parecerem contraditórias, quando elas são interpretadas à luz de toda a Bíblia, seu sentido torna-se perfeitamente claro. Além disso, o Espírito Santo ilumina o nosso entendimento, a fim de podermos interpretar corretamente a Palavra de Deus e entender as lições que Deus quer que aprendamos.

EXERCÍCIOS

Marque “C” para certo e “E” para errado

- ___8.30 Qualquer porção da Bíblia será melhor compreendida se lermos todo o seu contexto, isto é, o que vem antes e depois.
- ___8.31 No caso do livro de Eclesiastes, qualquer porção separada do restante do livro, e mesmo da Bíblia, servirá como base para as nossas vidas.
- ___8.32 Ao afirmar que “tudo é vaidade”, autor do livro de Eclesiastes salienta que, à parte de Deus, a vida é inútil e destituída de sentido.
- ___8.33 Qualquer passagem individual das Escrituras deve ser analisada e interpretada à luz do ensino de toda a Bíblia.
- ___8.34 Não podemos alicerçar a nossa vida e as nossas ações sobre um texto isolado das Escrituras.
- ___8.35 Sem a ajuda do Espírito Santo, ninguém poderia compreender devidamente as Sagradas Escrituras, porquanto o pecado nos entenebreceu a mente.
- ___8.36 O mesmo Espírito Santo que inspirou os autores das Sagradas Escrituras esclarece os textos bíblicos e ilumina-nos a mente para que os entendamos.

TEXTO 6

A AUTORIDADE DAS ESCRITURAS

Outra pergunta importante que surge ao estudarmos as Escrituras é: “Que importância devemos dar-lhe, no que concerne à nossa vida e vontade?” A Bíblia, do começo ao fim, revela o querer de Deus para a nossa vida. Aprendemos: a Bíblia é a autoridade final em todas as questões de fé e de conduta (2 Tm 3.16,17).

No início de sua comunicação aos homens, Deus revelou a Sua vontade e os Seus propósitos, e também permitiu que o Seu povo soubesse o que Ele esperava deles: conhecerem os Seus mandamentos e agirem de acordo com estes. “Tudo o que eu te ordeno, observarás para fazer; nada lhe acrescentarás nem diminuirás” (Dt 12.32). Deus chegou a dizer que haveria de submetê-los a teste, para ver se haviam compreendido a Sua Palavra e se procurariam obedecê-la.

O que pensar de um profeta ou intérprete de sonhos, que, levantando-se em sua região, realizasse algum milagre ou anunciasse algo e isto se

A SUPREMACIA DA BÍBLIA EM MATÉRIA DE FÉ E PRÁTICA

“A autoridade da Bíblia não provém da capacidade de seus autores humanos, mas do caráter de seu Autor”. Foi o que afirmou J. Blanchard. Se a autoridade da Bíblia é absoluta, como haveremos de relativizá-la? Vejamos, em primeiro lugar, o que é a autoridade.

1. Definição. Oriunda do vocábulo latino *autoritatem*, esta palavra significa: Direito absoluto e inquestionável de se fazer obedecer, de dar ordens, de estabelecer decretos e, de acordo com estes, tomar decisões e agir a fim de que cada decreto seja rigorosamente observado.

2. Definição teológica. Poder absoluto e inquestionável reivindicado, demonstrado e sustentado pela Bíblia em matéria de fé e prática. Tal autoridade advém-lhe do fato de ela ser a inspirada, inerrante e infalível Palavra de Deus.

3. Testemunho da Bíblia a respeito de sua autoridade. Leia as seguintes passagens: Isaías 8.20; 30.21; 1 Coríntios 14.37.

Uma das maiores virtudes da Reforma Protestante foi resgatar, no seio da cristandade, a supremacia da Bíblia Sagrada em matéria de fé e prática. Até então, renegava-se a doutrina dos apóstolos e dos profetas, colocando a tradição da Igreja Católica acima das Sagradas Escrituras. E, com isso, cometiam-se os maiores absurdos em nome de Cristo. Haja vista as Cruzadas, o Tribunal da Inquisição e as perseguições contra os que ousavam pensar diferentemente da hierarquia romana. Os reformadores, porém, no poder do Espírito Santo, recolocaram as Sagradas Escrituras no lugar onde elas sempre deveriam estar: no centro da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, legislando sobre a doutrina e acerca da conduta dos cristãos.

cumprisse? Isso faria dele um profeta verdadeiro? Não, a menos que o que ele dissesse estivesse em consonância com aquilo que Deus já ensinou em Sua Palavra. A Bíblia nos fala, em Deuteronômio 13.1-3, de um profeta que, havendo realizado prodígios, convida o povo a ir após falsos deuses. E, então, conclui: “Não ouvirás as palavras daquele profeta ou sonhador de sonhos; porquanto o Senhor vosso Deus vos prova, para saber se amais o Senhor vosso Deus com todo o vosso coração, e com toda a vossa alma” (v.3).

Este princípio é reiterado por toda a Bíblia. Não devemos nos desviar da verdade, iludidos por sinais e milagres, trocando-a por aquilo que é mero entretenimento, engano, ou qualquer outra coisa que nos afaste da verdade da Palavra de Deus.

A única maneira de continuar o relacionamento com Jesus é vivermos de acordo com a Sua Palavra: “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor...” (Jo 15.10). Podemos demonstrar o nosso amor a Cristo através da nossa obediência à Sua vontade revelada: “Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando” (Jo 15.14).

A Palavra de Deus é a verdade (ver João 17.17). Por conseguinte, devemos fazer dela a mais elevada autoridade de nossa vida, individual ou corporalmente, em nossa igreja local. Em nossos templos, coloquemos o púlpito no centro da plataforma, para que dali a Palavra de Deus seja pregada. Isso ilustra o que disse o Salmista Davi: “... engrandeceste a tua palavra acima de todo o teu nome” (Sl 138.2).

A Palavra de Deus deve ocupar o lugar central de cada aspecto de nossa vida. Devemos dar mais valor a seus ensinamentos do que à família ou aos amigos que temos. Convém-nos dar atenção às suas orientações e advertências. Ela deve controlar todas as nossas emoções.

É extremamente importante, pois, que haja um sã ensino bíblico em nossas igrejas. Fomentemos no coração dos crentes o amor ao estudo sistemático da Palavra de Deus. As pessoas devem reunir-se na casa de Deus, não por causa de eventos ou de personalidades, mas por amarem a Sua Palavra.

“Seca-se a erva, e cai a flor, porém a palavra de nosso Deus subsiste eternamente” (Is 40.8).

EXERCÍCIOS

Marque “C” para certo e “E” para errado

___ 8.37 A autoridade da Bíblia provém do caráter de Seu Autor, de quem ela é a inspirada, inerrante e infalível Palavra.

- ___8.38 O lugar das Sagradas Escrituras na Igreja de Cristo é no centro, legislando sobre a doutrina e a conduta dos cristãos.
- ___8.39 O texto de 2 Tm 3.16,17 deixa claro que a Bíblia é a autoridade final em todas as questões de fé e conduta.
- ___8.40 Conforme depreendemos de Deuteronômio 12.32, desde o início de sua comunicação com o Seu povo, Deus declarou o que esperava deles: que conhecessem os Seus mandamentos e agissem de acordo com eles.

REVISÃO DA LIÇÃO

Marque “C” para certo e “E” para errado

- ___8.41 O vocábulo revelação, em relação a Deus, significa que Deus revela ou desvenda às pessoas aquilo que elas, de nenhuma outra maneira, poderiam saber sobre Ele e os Seus propósitos.
- ___8.42 Deus não apenas revelou ao homem quem Ele é e quais os seus propósitos, como ainda garantiu que a Sua revelação fosse preservada na forma escrita.
- ___8.43 A inspiração divina da Bíblia Sagrada é um milagre único e irrepetível, iniciado por Deus em Moisés, ainda no Egito, e encerrado em João, na Ilha de Patmos (Êx 17.14; Ap 22.18,19).
- ___8.44 Na produção das Escrituras Sagradas, o Espírito Santo limitou-se a inspirar apenas ideias, proposições e conceitos, e não as palavras empregadas pelos escritores.
- ___8.45 O Espírito de Deus resguardou os autores sagrados de qualquer erro e de qualquer omissão, no registro daquilo que Deus queria que eles escrevessem.
- ___8.46 Formando uma unidade perfeita, os livros da Bíblia apresentam um tema predominante: a redenção do homem, por parte de Deus, mediante o sacrifício de Seu Filho, Jesus Cristo.
- ___8.47 Por volta de 64 ou 65 d.C., quase todos os evangelhos e as epístolas do Novo Testamento já haviam sido escritos e circulavam entre as igrejas locais.

- ___8.48 A inspiração especial do Espírito Santo, que trouxe à existência a Palavra de Deus em forma escrita, continua à disposição hoje, para que mais revelações sejam acrescentadas à Bíblia.
- ___8.49 Quando João, inspirado pelo Espírito Santo, registrou por escrito a “Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu”, escrevendo assim o livro de Apocalipse, completou-se a revelação divina escrita e fechou-se o cânon das Sagradas Escrituras.
- ___8.50 No que diz respeito às Escrituras, a palavra cânon refere-se aos livros que foram “medidos” de acordo com certos critérios, satisfazendo a todos os requisitos, pelo que são reconhecidos como revelação de Deus, escrita por inspiração Sua.
- ___8.51 Os critérios usados na seleção dos escritos admitidos no cânon do Novo Testamento são: apostolicidade, conteúdo espiritual, exatidão doutrinária, reconhecimento e uso entre as igrejas, e inspiração divina.
- ___8.52 Visto não mais dispormos dos manuscritos originais, não podemos ter certeza de que o cânon representa a inspirada Palavra de Deus.
- ___8.53 Podemos aceitar com confiança os ensinamentos da Bíblia, porquanto Deus não somente inspirou a sua escrita, como a tem preservado através dos séculos.
- ___8.54 Qualquer passagem individual das Escrituras deve ser analisada e interpretada à luz do ensino de toda a Bíblia.
- ___8.55 O mesmo Espírito Santo que inspirou os autores das Sagradas Escrituras esclarece os textos bíblicos e ilumina-nos a mente para que os entendamos.
- ___8.56 A autoridade da Bíblia provém do caráter de Seu Autor, de quem ela é a inspirada, inerrante e infalível Palavra.
- ___8.57 O lugar das Sagradas Escrituras na Igreja de Cristo é no centro, legislando sobre a doutrina e a conduta dos cristãos, porquanto a Bíblia é a autoridade final em todas as questões de fé e prática.

Assinale com “X” a alternativa correta

- 8.58 São evidências da inspiração divina das Escrituras:
- ___a) A confirmação do Antigo Testamento por Jesus.
 - ___b) O cumprimento das profecias bíblicas.
 - ___c) A unidade dos temas bíblicos.
 - ___d) Todas as alternativas estão corretas.
- 8.59 Corroborando a autoridade do Antigo Testamento, o Senhor Jesus
- ___a) asseverou que as Escrituras permaneceriam para sempre.
 - ___b) afirmou que as Escrituras testificam a Seu respeito.
 - ___c) citou-o em diversas ocasiões.
 - ___d) Todas as alternativas estão corretas.
- 8.60 Quando se fala em “exclusividade das Escrituras”, está se indicando que
- ___a) a Bíblia é a completa e suficiente revelação de Deus.
 - ___b) nada mais é necessário e nem deve ser acrescentado à Bíblia.
 - ___c) quaisquer supostas revelações posteriores às Escrituras devem ser rejeitadas.
 - ___d) Todas as alternativas estão corretas.